

Chipembe marcha ao ritmo do Congresso

N. 5/1/84

por Albano Naroromele, em Pemba

Sabia que já não era simplesmente «Barragem de Chipembe», mas sim Empresa Agrária de Chipembe. Até sair da carroçaria da boleia que me tinha arrastado por estradas marginadas de machambas que parecem infinitas, pensava que tudo estava na mesma. Já aconteceu mudarem nomes e as coisas continuarem na mesma — cogitava em silêncio.

Agora, em frente dos escritórios, novos e pintados de cal viva, tive a primeira surpresa. Já tinham passado muitos minutos depois das 17 horas, mas os escritórios continuavam abertos e com gente a trabalhar.

Ao contrário do que pensava, não consegui entrar facilmente. Um jovem sorridente pediu-me para dizer donde vinha, que assunto queria tratar e com quem. Também exibi um sorriso que me pareceu convincente, mas como tinha a voz presa pela tome do dia inteiro, não falei.

Procurei na carteira vermelha de poeira a minha credencial. O documento não era nenhuma brincadeira, porque tinha, até aí, mais de três carimbos de ambos os lados, além do que tinha sido firmado pelo próprio Jornal «Notícias».

O jovem aceitou o documento, mas não me convidou a entrar imediatamente no escritório. Comecei a pensar que Chipembe tinha sido invadido pela praga burocrática. Tive outra surpresa, porque o despacho foi de tal maneira rápido que não encontrei pretexto possível para comparar aquele escritório de serviço com os gabinetes de ar condicionado que eu conheço por aí.

No interior, deparei com instalações muito limpas, apesar da poeira vermelha que tenta infiltrar-se por todos os cantos. Os trabalhadores que aqui encontrei também sorriram-me. Pediram-me desculpas pela demora da espera — coisa que eu não tinha reparado — e explicaram-me o trabalho do jovem.

Temos de manter uma vigilância permanente, contra o inimigo — disse um deles. E acrescentou: não é preciso ter bandidos armados para se ser vigilante. É uma tarefa que recebemos do IV Congresso: a defesa da Pátria, em todas as parcelas.

A seguir, falaram-me, com delicadeza, da situação político-militar de Moçambique, como se estivessem a ver o País inteiro num espelho. Aquil não há tempo para se ficar indiferente — asseguraram, para depois me aconselharem que da próxima vez que pretender trabalhar em Chipembe, as estruturas da província ou do distrito têm de nos avisar com antecedência.

Sobre isto, eu não tinha culpa. Os trabalhadores também não eram culpados. A culpa foi de algumas estruturas provinciais e distritais a quem me apresentei. Estas limitaram-se a encher a minha guia de carimbos e assinaturas e mandaram-me em paz, cagamente, confiantes num papel que, para os trabalhadores de Chipembe (e para mim também) não tem assim tanto valor.

De qualquer maneira, decidi, antes de sair do escritório, «infiltrar-me» nos bairros da empresa, pensando que, nestas comunidades, a vigilância não seria tão aguda como nos escritórios. Enganei-me. Da terceira vez que tentei a experiência fui «neutralizado» no bairro novo, por um grupo de trabalhadores recém-enquadrados, no âmbito da «Operação Produção».

Estes trabalhadores levaram-me à presença do director da empresa, a quem perguntaram se eu tinha autorização para entrevistar pessoas, sem me apresentar às estruturas do bairro e, ainda por cima, sem aviso da direcção.

LUTA PELA PRODUÇÃO

Tive de começar a convencer-me que em Chipembe não houve apenas mudança de nome. Os trabalhadores da Empresa Agrária do Chipembe provam o facto não só com a vigilância, mas ainda através da luta diária pela produção.

Já disse que ali não há horas para se largar o serviço. Só falta dizer que também não há horas de entrada, mas à maneira de Chipembe. Quer dizer, ninguém, tem tempo de chegar tarde ao serviço, mas todos se orgulham em começar a jornada do dia com uma ou mais horas antes do estipulado pelo horário.

Depois de três dias da minha permanência na empresa, aprendi uma coisa: o matabicho não é a condição para o início do trabalho. O director da empresa, normalmente, não dorme antes da meia-noite, mas acorda às quatro, o mais tardar. Nessa altura, não pergunta pelo matabicho mas pelas botas compridas para andar no malope das machambas.

Os restantes trabalhadores, a começar pelos dirigentes, seguem o exemplo. Alguns jovens provenientes das cidades, como é o caso do chefe da Contabilidade e o de Recursos Humanos, já combateram o hábito de acordar depois das cinco, apesar de serem novos por ali.

Na machamba, muitos trabalhadores terminam a tarefa do dia às oito horas, porque começam a trabalhar cedo. Mas não se sentam quando chegam a casa, porque é preciso construir a casa, ou embelezar aquela que já está construída — disseram-me alguns.

Outros não largam a debulha do arroz ou a sementeira do milho só porque tocou a hora do almoço. Não abandonam as machambas pelo simples motivo da sua tarefa ter terminado, porque às vezes é preciso ajudar os outros.

Os trabalhadores conhecem, mas evitam falar de metas. De maneira que eu não consegui saber quantos hectares há de milho, arroz, batata, hortícolas, tabaco, feijão, girassol e outros produtos.

A gente fala do que já temos. Falamos de comida, porque o povo não come metas — disse-me o director da empresa. Mas são frequentes as reuniões para análise da presente campanha agrícola. São reuniões que não paralisam a produção. Enquanto elas decorrem, os tractoristas trabalham, porque é preciso lavar ou gradar quatro a cinco hectares por dia, contra dois e meio que se faziam noutros tempos.

São igualmente reuniões à moda de Chipembe. Eu apenas assisti a uma, que concentrou os responsáveis. O resto dos encontros fazem-se à noite, em casa do director ou de qualquer

outro dirigente. São reuniões em que o chefe de um sector procura o director, ou vice-versa, para discutir o sobrecumprimento das metas da campanha agrícola.

FRUTOS

Chipembe tem uma nova paisagem. As ruas da sede da empresa parecem jovens, porque estão a ser demarcadas com árvores de fruto. Já existem mais de 3000 árvores de fruto, ao nível das quatro unidades de produção que compõem a empresa.

Eu vi 2000 galinhas para os trabalhadores. O director disse-me que a empresa possui também 110 cabritos. Os trabalhadores revelaram-me que já se iniciou a criação de porcos. Vi um curral com algumas cabeças de gado.

Há um grupo de pescadores que captura 50 quilos de peixe por dia para o abastecimento dos trabalhadores. Ainda é muito pouco — disseram-me. Outro grupo vai à caça e, por isso, há muita carne em Chipembe, embora ainda não chegue para todos.

Os trabalhadores recebem visitas médicas de quinze em quinze dias. As casas de alguns destes trabalhadores estão mobiladas. São mobílias de bambu ou de sisal, mas confortáveis.

Já se lecciona o ensino primário em Chipembe. No próximo ano lectivo será introduzido o ensino secundário até à sétima classe.

Os jovens formaram uma equipa de futebol. O seu treinador disse-me que é possível que o grupo participe no Campeonato Provincial da próxima época.

Há, no entanto, problemas em Chipembe e, como prova, posso citar a complexidade social da empresa. No Chipembe há ex-OPVs, ex-comandos, candombeiros, indivíduos com mentalidades tradicionalistas, antigos combatentes, desertores da guerra, evacuados das cidades, entre os 2200 trabalhadores da empresa. Somos ricos em problemas e estamos conscientes de que cada nova vitória traz novas necessidades, novos problemas — disse-me o director da empresa.

No entanto, o trabalho de apenas cinco meses de existência da nova empresa já me dá o direito de acreditar que os trabalhadores têm a capacidade de resolver os seus problemas. Porque esta empresa é resultado do IV Congresso. O ritmo com que se operam as transformações é o ritmo do Congresso.